EMBORNAL

Revista Eletrônica da Associação Nacional de História / Seção Ceará.

HOMENS, MASCULINIDADE(S) E CRIME NO JORNAL ESQUEMA OESTE

MOREIRA, Rosemeri[1]
COSTA, Renata Virgínia[2]

Resumo: Este artigo é uma discussão sobre as relações de gênero que perpassam os enunciados sobre crime e criminalidade presentes do jornal Esquema Oeste, Guarapuava – PR, e a relação entre masculinidade (s) e a violência homicida e/ou criminalizada. Utilizamos como fontes as edições do Jornal Esquema Oeste, publicadas no período 1970-1979. Como base teórica, utilizamos as noções conceituais de Gênero e Masculinidades presentes nas discussões de Scott, Butler, Pedro, Connel & Messerschmidt, entre outros. A metodologia esteve voltada aos debates de Kossoy, De Luca, Alves & Guarniere, Zanirato, etc. Construímos uma tabela com a categorização das reportagens e notícias sobre homicídios e criminalidade em geral. A partir dessa catalogação observamos que no período pesquisado, existe muito mais silenciamento sobre a violência homicida do que visibilidade. Os homicidas são postos como movidos pela desrazão e a maior parte dos casos publicados se referem as cidades vizinhas, distantes da concepção de uma cidade modernizada.
Palavras-Chave: Gênero; Imprensa; Masculinidades; Violência.

Abstract: This article is a discussion about the gender relations that perpasses the statements about crime and criminality presents in the newspaper Esquema Oeste, Guarapuava - PR, and the relationship between masculinity (s) and homicidal and / or criminalized violence. We used as sources the editions of the newspaper Esquema Oeste, published in the period of 1970-1979. As a theoretical basis, we use the conceptual notions of Gender and Masculinities present in the discussions of Scott, Butler, Pedro, Connel & Messerschmidt, among others. The methodology was focused on the debates of Kossoy, De Lucca, Alves & Guarniere, Zanirato, etc. We have constructed a chart with the categorization of the reports and news about homicide and criminality in general. From this cataloging we observe that in the period studied, there is much more silence about homicidal violence than visibility. The homicidal are shown as moved by unreason and most of the published cases refer to neighboring cities, far from the conception of modernized city.
Key-words: Gender; Press; Masculinitys; Violence.

[1] Doutora em História, professora nos cursos Pós-graduação e graduação em História na UNICENTRO. Pesquisadora das seguintes temáticas: História das Polícias, Militarismo, Relações de Gênero, Masculinidades, Feminilidades e História dos Feminismos no Brasil. E-mail: rosemeri1moreira@gmail.com.

[2] Graduanda do curso de História – UNICENTRO. Estudante do Programa de Iniciação Científica 2013-2014. E-mail: ph10_2007@hotmail.com

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as construções e representações de masculinidades presentes no Jornal Esquema Oeste, na década de 1970. Temos como foco a análise de masculinidades relacionadas a violência homicida - masculinidades criminosas ou fora da ordem -, apresentadas nesse periódico.

Compreendemos que os periódicos, enquanto fontes históricas, são espaços peculiares onde está presente a cultura local referente às práticas políticas. O olhar que grupos da elite política, econômica e cultural fazem de si, junto às representações sobre os demais grupos, estão estampadas nas páginas dos jornais. As disputas econômicas, políticas e sociais estão presentes nos periódicos, traduzidas pelo olhar dos jornalistas, colunistas e/ou donos do jornal. Essas disputas estão presentes na visibilidade dada, na ênfase direcionadora do periódico, ou pela própria negação, ausência e silenciamento.

Nossos questionamentos sobre a construção e representações das masculinidades na região de Guarapuava[3], surgiram após a divulgação das estatísticas contemporâneas relativas à violência homicida no país e das estatísticas relativas ao Feminicídio no Brasil WAISELFISZ (2011). Segundo as estatísticas do Mapa da Violência de 2014, quase 3/4 da mortalidade juvenil – 73,2% – deveu-se em 2010 a causas externas, também denominadas de causas violentas. O principal responsável por essas altas taxas é a violência homicida, responsável por 38,6% de todas as mortes de jovens para esse mesmo ano. Importante apontar que os usos sociais da violência formam um núcleo central na estrutura das relações hierárquicas de gênero e na construção do corpo como espaço simbólico, carregado de significados fronteiriços e/ou dicotômicos.

Para compreendermos historicamente a construção e representações das masculinidades na região de Guarapuava, analisamos os enunciados do Jornal Esquema Oeste que enfocaram crimes e a (s) masculinidade (s), na década de 1970. Nosso olhar se deteve na presença ou ausência da violência homicida, sem deixar de nos atermos as demais masculinidades presentes no periódico. Nos preocupamos com a representação e a construção do periódico referente a chamada masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) e com as outras masculinidades merecedoras de visibilidade, permitidas e/ou exaltadas e, principalmente, com os silenciamentos e parcimônia relativos aos homens ditos fora da lei e da ordem. Em meio a tudo

[3] Guarapuava é um município do estado do Paraná, com 179.256 habitantes estimados em 2016. Dista 270 Km da capital Curitiba, localizada no centro sul do estado. A ocupação europeia na região, remonta o XVI. Sobre a História da cidade e região ver: TEMBIL (2007); FERREIRA JR (2011).

isso também se tornou imperativo mencionar as feminilidades visíveis no jornal, uma vez que as concepções de feminino e masculino são construídas de forma relacional (PEDRO, 2000).

Utilizamos como fontes históricas as edições do jornal Esquema Oeste, década de 1970, que fazem parte do acervo do CEDOC- UNICENTRO/Santa Cruz. Entre os meses de setembro a dezembro de 2014, foram feitas consultas no CEDOC e realizada a paulatina digitalização das reportagens e notícias do jornal. Foram analisadas as edições do jornal do Esquema Oeste publicadas durante o período de 17 de maio de 1970 a 31 de dezembro de 1979, totalizando 379 edições regulares ao longo de todo esse período.

O diálogo estabelecido entre diversos/as autor/as ampliou a compreensão sobre os contextos de construção da imprensa brasileira e a necessária diferenciação entre a História da Imprensa e a História através da imprensa (ALVES; GUARNIERE, 2007; PELEGRINE, 2005; KOSSOY, 2009; LUCA, 2005). No primeiro caso o que se quer compreender é a formação da imprensa em si; no segundo os periódicos são utilizados para compreensão de algumas temáticas que constam nessa fonte. Neste último, os/as pesquisadores/as se focam em partes específicas: as propagandas; colunas sociais; editorial; etc.; ou em temáticas específicas, como é o nosso caso. No entanto, no decorrer da pesquisa observamos que nos encontramos a meio caminho entre essas definições. Estávamos preocupadas com uma temática específica, mas ao mesmo tempo essa análise nos deu um olhar geral sobre as configurações do jornal, por conseguinte sobre a História também da Imprensa no interior do Estado do Paraná. De Luca nos aponta como os periódicos tem sido utilizados pelos/as pesquisadores/as brasileiros na pesquisa histórica, principalmente contextualizando o momento de intensificação dessa prática.

Compreensão fundamental para a análise das fontes selecionadas é a diferenciação entre notícia e reportagem, estabelecida pelo viés do jornalismo (MELO; ASSIS, 2010). Segundo Melo & Assis, a notícia se pretende mais simples e direta ao passo que a reportagem apresenta, de forma explícita, maior subjetividade e detalhamento dos assuntos. A notícia se dá pela exigência de maior rapidez na produção, enquanto a reportagem denota um maior tempo na elaboração e também um espaço gráfico maior. No caso das fontes de nossa pesquisa, cremos que o nível de profissionalização do jornal ainda era pouco desenvolvido em comparação com a elaboração contemporânea de periódicos. Essa divisão, proposta por esses autores, nem sempre se dá de forma muito nítida nas edições catalogadas. No entanto, esse conhecimento é imprescindível para analisarmos a importância dada as temáticas elencadas como reportagens, e a visibilidade de alguns assuntos somente presentes em notas breves e/ou notícias, o que ajudou a direcionar nossa metodologia de análise.

Além disso, os textos relativos a análise fotográfica (KOSSOY, 2009) e em específico a fotografia jornalística (ZANIRATO, 2005) foram imprescindíveis para análise de imagens fotográficas e iconográficas (desenhos) presentes no jornal. Fotografias e desenhos estão presentes nas propagandas, na coluna social, e também nas principais reportagens. Para a seleção das imagens constantes no jornal é importante considerar que toda fotografia é um binômio indivisível entre criação/testemunho, pois se configura como um testemunho que se dá através de um filtro cultural, e ao mesmo tempo é uma criação de um visível fotográfico: “[...] toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho” (KOSSOY, 2009). Dessa forma, assim como Kossoy, pensamos ser pertinente considerar a estética e a ideologia como elementos indivisíveis na representação fotográfica (KOSSOY, 2007; 2009). Entender a construção da imagem por meio de sua forma é necessário para compreender os discursos presentes: o seu conteúdo e a imposição de qual visão de mundo delimita a sua leitura. As fotografias representam construções discursivas portadoras de estratégias persuasivas, em que estética e ideologia se entremeiam. Todas essas considerações moldaram nosso olhar, tanto na seleção quanto na análise das reportagens e notícias.

Gênero e Masculinidade(s)

O termo gênero tem sido usado de diversas maneiras pelos movimentos feministas e também nas pesquisas na área das Ciências Humanas. Seu uso inicial, entre os 1960 até a década de 1990, estava relacionado a marcação da oposição com o termo sexo (PEDRO, 2009). Essa oposição foi chamada de “sistema sexo-gênero”, e era posta como uma maneira de distinguir o que era visto como natural (biológico, fisiológico), daquilo que se defendia como cultural. Este último relativo a identidade, a psicologia e ao aprendizado social.

Em fins da década 1990, em meio aos Movimentos Feministas, foram expandidas as discussões que utilizam o termo Gênero como uma categoria de análise. Na área da História, a historiadora norte-americana Joan Scott define gênero como a “[...] organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1990). Essa categoria permite analisar como se constroem, reconstroem, se identificam e se relacionam as *percepções* sobre feminino e masculino. Nessa consideração, a ênfase deixa de ser a oposição entre sexo-gênero e a concepção da existência de mulheres e homens em si, para se focar em como as ideias relativas ao binarismo feminino-masculino foram construídas.

Gênero é uma maneira de dar sentido ao mundo através da diferença sexual, em que as concepções sobre masculino e feminino são, ao mesmo tempo, excludentes e relacionais

(SCOTT, 1990; BUTLER, 2008). Nas Ciências Humanas, as discussões sobre gênero abarcam ao mesmo tempo as construções simbólicas e as relações hierárquicas (econômicas e sociais) sobre as ideias de homem/mulher e masculino/ feminino. A construção social sobre a ideia do que é uma mulher é simultânea a ideia do que é um homem. Por isso, relacional. O termo Gênero, por si só, não pressupõe ou descreve nada além da consideração de que as percepções sobre as diferenças sexuais são capazes de direcionar as relações sociais.

A noção conceitual de masculinidades vem na esteira desse debate: se não se nasce mulher, não se nasce homem também. É muito importante apontar que o dito mundo da guerra e o mundo da rua[4] são produtores de referências normativas da masculinidade (s) e também do seu avesso, a feminilidade (s). As identidades de gênero se constituíram e sedimentaram em torno da questão da violência coletiva. Para Raewyn Robert, os usos sociais da violência formam um núcleo central na estrutura das relações hierárquicas de gênero (CONNEL, 1995). Além disso, o afastamento simbólico do corpo das mulheres nos combates é uma "[...] invariante universal que em todas as sociedades humanas afasta o corpo das mulheres do porte das armas [...] e de toda possibilidade de agressão à barreira anatômica, que provoque derramamento de sangue" (ANDOIN-ROUZEAU;COURTINE; VIGARELLO, 2008).

É leitura recorrente no mundo social ocidental que a capacidade de infligir violência se encontra encarcerada no corpo de homens. Corpo biologicamente pensado, como detentor de força física, e também de força moral, para proteger os demais corpos carentes de virilidade: os corpos infantis, os corpos das mulheres e os corpos envelhecidos. A noção conceitual de "masculinidade hegemônica", posta por Connell & Messerschmidt tem por base a ideia de que existe uma maneira considerada mais correta em ser um homem. Essa masculinidade não é vista como um padrão social, mas sim como um modelo, em meio a diversas masculinidades existentes, e varia historicamente e de sociedade para sociedade (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Jornal Esquema Oeste e a cidade de Guarapuava na década de 1970

O jornal Esquema Oeste teve sua primeira edição veiculada em 17 de maio de 1970. Durante o período pesquisado, teve em média 8 páginas. Inicialmente custava CR$ 0,30 e no final da década era CR$ 5,00[5]. Sua tiragem média era de 3.000 jornais, por edição.

[4] Rua e casa consideradas como categorias sociológicas (DAMATTA, 1997).

[5] O salário mínimo em maio de 1970 era CR$ 187,20, em dezembro de 1979 custava CR$ 2.932,80. A assinatura anual em 1979 custava CR$ 200,00.

Em janeiro de 1989 esse jornal foi transformado legalmente em órgão oficial do Município de Guarapuava (Lei n. 70/89). O Jornal Esquema Oeste era semanal e trazia notícias locais, nacionais e estaduais. Circulou entre 1970 a 1998. Nesse mesmo período haviam outros jornais na cidade, tais como a Folha do Oeste, que circulou de 1930-1982, tendo a periodicidade interrompida em vários momentos; a Folha de Guarapuava, durante o período de 1979 e 1980, e ainda a Tribuna de Guarapuava, veiculada entre 1994-1999. A escolha pela análise do Jornal Esquema Oeste se deu devido ser um dos poucos que manteve a periodicidade ao longo de sua existência.

No período pesquisado as reportagens se focavam principalmente nas disputas político partidárias, com ênfase no executivo municipal; uma página de esportes; assuntos diversos publicados de forma pouco sistematizada, além de notícias sobre a considerada alta sociedade. Seu editor e diretor geral era Leonel Julio Farah, político e jornalista.

Como já dito, observamos que a ênfase do jornal era sobre a vida política partidária local, estadual e nacional. Para isso contava com a ajuda de representantes colaboradores na capital e a própria impressão era feita em Curitiba. As pessoas que frequentemente publicavam textos assinados eram principalmente homens ligados ao executivo, ao legislativo, aos partidos políticos, ou ocupavam cargos públicos em geral, além é claro de articulistas políticos, jornalistas e colunistas, pessoas que possuíam algum tipo de popularidade local ou estadual. As mulheres, ao longo da década pesquisada, aparecem como colunistas focadas em assuntos ditos femininos, tais como receitas, educação das crianças, organização de festas e decorações. Algumas poucas mulheres escreviam breves textos sobre educação ou sobre a sociedade local.

O nome do jornal - “Esquema Oeste” – foi explicado na sua primeira edição como sendo uma palavra “moderna” com o significado de resumo ou síntese (FARAH, 1970). Segundo, Vladson Cunha o jornal logo se tornou o veículo de comunicação oficial da Prefeitura de Guarapuava, publicando as leis, balanços e editais oficiais do município (CUNHA, 2014).

Edilane Lacheski pesquisou sobre os discursos construtores da identidade regional guarapuavana, através de textos publicados nos periódicos locais. Para ela:

> O discurso sobre Guarapuava caracteriza-se por ser um discurso regionalista, ou melhor, um discurso performativo (proporcional à autoridade daquele que o enuncia) que destaca em suas páginas, como legítima, uma determinada visão de conquista e seus desdobres. Que a faz conhecer e ser reconhecida como uma região que vivenciou um processo histórico que lhe é peculiar (LACHESKI , 2009).

Segundo a pesquisadora, o marco temporal em que essa sociedade foi fundada tem por base a ideia da conquista. Esse discurso foi sistematizado principalmente na segunda metade do

século XX e as publicações do jornal Esquema Oeste, assim como outros, contribuíram para isso. Lacheski também discute a ideia de “cidade moderna” que está estampada nos periódicos a partir da década de 1960. Assim como a moderna palavra “esquema”, a cidade que transparece o jornal, na década pesquisada, é de franca modernização: início da rede de telefonia; sinal de televisão; asfaltamento de ruas; construção da rede de saneamento, em algumas áreas; inauguração de rádio da diocese; carnavais e cavalhadas unindo o presente e a tradição; preocupação com o analfabetismo e com as ditas favelas.

No início da década de 1970 o executivo municipal era ocupado pelo partido governista: Aliança Renovadora Nacional (ARENA), apoiada de forma nada sutil pelo jornal. O apoio ao governo civil-militar está presente no jornal em toda a década. Mesmo considerando a censura prévia que atingiu todos os meios de comunicação durante 1964-1985 (AQUINO, 1999), o periódico não esconde sua posição política em defesa da chamada “revolução de 1964”.

Em novembro de 1972, o candidato a prefeito pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Nivaldo Kruger, foi eleito com 61% dos votos como prefeito do município, assumindo em 1973[6]. O MDB, mesmo com a vinda do Presidente Geisel à cidade, as vésperas do pleito em 1976, conseguiu eleger o sucessor de Nivaldo: o prefeito Candido Pacheco Bastos[7]. Ou seja, durante o período pesquisado, o executivo municipal passou do partido da ARENA, defensor do golpe de 1964, para a chamada oposição consentida do MDB.

O periódico se apresenta como um narrador das ações do executivo municipal, principalmente nos anos de 1970, 1971 e 1972: viagens (idas e vindas), reuniões, jantares, feitos políticos e planos de realizações, disputas nos e dos partidos, apresentam uma masculinidade relativa a homens públicos, políticos. Após a ocupação do executivo municipal pelo MDB a ênfase diminuiu, sem, contudo, desaparecer, pois a vida política da cidade é o cerne do jornal.

Para o que nos importa mais de perto neste artigo, as masculinidades e a violência, o que existe no periódico ao longo de toda a década é muito mais o silêncio do que visibilidade.

Masculinidades, crime e violência nas páginas do jornal

Com já apontado, durante a década pesquisada, a violência e a criminalidade estão presentes nas páginas do jornal Esquema Oeste de forma acanhada. Em dez anos, mapeamos um total de 47 (quarenta e sete) notícias e reportagens relacionadas a violência, crimes ocorridos, criminalidade em geral e assuntos considerados de polícia e sobre o policiamento.

[6] ESQUEMA OESTE. Nivaldo Kruger vence o pleito em Guarapuava. 22 a 28 nov. 1972, 1ª p..
[7] ESQUEMA OESTE. Candido Pacheco Bastos eleito para a prefeitura de Guarapuava. 19 a 25 de novembro de 1976, 1ª p..



TABELA I

Total de notícias e reportagens sobre violência, crimes e policiamento

Jornal Esquema Oeste – maio 1971/dezembro 1979

Categorias	**1970**	**1971**	**1972**	**1973**	**1974**	**1975**	**1976**	**1977**	**1978**	**1979**	**Total**
Homicídios	-	1	1	-	-	1	1	-	3	1	08
Tentativa de homicídio	-	1*	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Trafico entorpecentes	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	02
Suicídio	-	2**	-	-	-	-	-	-	-	-	01
Notícias do Tribunal do Júri		3	-	1	-	1	-	-	-	-	05
Crimes nacionais e/ou Internacionais	-	3	3	1	-	-	-	-	-	-	07
Assalto	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	03
Tiroteio e cerco policial		-	1	-	-	1***	-	-	-	-	01
Sobre polícia/ policiamento e criminalidade	-	-	-	-	-	2	-	5	4	4	15
Crimes ambientais (caça)	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	01
Fraudes/ estelionato	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	01
Fuga de detentos/presos e/ou sobre o sistema carcerário	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	02
Total ao ano	-	11	07	02	02	04	02	05	08	06	**47**

Fonte: dados tabulados a partir das edições do Jornal Esquema Oeste (maio de 1970 a dezembro de 1979)

* O número não foi contabilizado no total por se tratar de ao mesmo tempo de notícia sobre homicídio e tentativa de homicídio e priorizamos a contabilização do primeiro.

** Somente foi contabilizada 1 reportagem, por que uma delas se trata ao mesmo tempo de homicídio e suicídio e priorizamos a contabilização do primeiro.

*** O número não foi contabilizado no total por se tratar de ao mesmo tempo de notícia sobre homicídio e cerco policial e priorizamos a contabilização do primeiro.

A tabela I se refere ao total de reportagens ou notícias publicadas no jornal durante a década de 1970. Como podemos observar a visibilidade dada ao jornal à violência homicida é bastante parcimoniosa em toda a década. Ao todo, ao longo desse período, somente encontramos 08 (oito) notícias ou reportagens referentes ao crime de homicídio. Para entender melhor essa parcimônia, nos voltamos para as reportagens que poderiam tratar de assuntos voltados a

criminalidade em geral, polícia e policiamento, assim como para outros crimes diversos, tais como assalto, estelionato, furtos, etc.. A construção da tabela, para além das notícias sobre homicídios, se deu a partir da constatação que o jornal não colocava em primeiro plano os assuntos relativos a criminalidade.

As estatísticas sobre violência homicida passaram a ser problematizadas, principalmente, a partir dos anos 1980 no Brasil, mais especificamente após a ditadura civil-militar. Os dados contemporâneos sobre criminalidade tem por base a década de 1980 em diante, e as estatísticas sobre a década de 1970, relativas ao estado do Paraná, não se encontram disponíveis por meio digital ou online.

Segundo Sergio Adorno:

> Desde meados da década de 1970, vem-se exacerbando, no Brasil, o sentimento de medo e insegurança. Não parece infundado esse sentimento. As estatísticas oficiais de criminalidade indicam, a partir dessa década, a aceleração do crescimento de todas as modalidades delituosas. Crescem mais rápido os crimes que envolvem a prática de violência, como os homicídios, os roubos, os sequestros, os estupros (ADORNO, 2002).

Parece ser consenso entre pesquisadores/as que a partir de 1979 se deu de forma vigorosa o aumento relativo ao número de homicídios, principalmente causados por armas de fogo, em todo o âmbito nacional. Essa década é associada ao fenômeno da urbanização da população brasileira. Para alguns pesquisadores essa urbanização se deu acompanhada de aumento da concentração de renda e desigualdade social, vindo a acarretar no aumento de criminalidade em geral e da violência homicida em específico (ADORNO; SANTO, 1979). Moura observa que "[...] o estado do Paraná sofreu um intenso processo de crescimento demográfico e urbanização. Em 1950, a população total do estado era de 2,1 milhões de habitantes. Em 1970, já era de quase sete milhões [...]" (MOURA, 2004, p. 34). Na década de 1970, as cidades com mais de 100 mil habitantes já concentravam mais da metade da população urbana do país. Ao longo do período 1970-2000, as cidades de porte médio, não-metropolitanas, aumentaram consideravelmente sua população. A partir da década de 1970, a Guarapuava moderna, que transparece no periódico, vai se transformando paulatinamente em pólo regional. Todo esse debate foi aqui apresentado devido a aproximação feito pelos pesquisadores entre o processo de modernização, urbanização e aumento da criminalidade.

Em relação às notícias e reportagens sobre os homicídios no periódico pesquisado, observamos que nem todos os homicídios que aconteciam em Guarapuava e região eram noticiados. Alguns apareciam nas notas publicadas sobre notícias do Tribunal do Júri. No período pesquisado, nenhuma das notícias ou reportagens do tribunal do júri (06 no total) eram

relativas aos 08 homicídios que foram alvo de notícia. Eram referentes a casos diferentes. Do total dos homicídios publicados, somente 3 estão localizados na primeira página do jornal e correspondem as seguintes manchetes:

-"CRIME DE MORTE EM ENTRE RIOS"; segundo a notícia, um oficial da justiça foi assassinado enquanto tentava "[...] apartar uma briga entre dois irmãos" [8]. O oficial se encontrava nas proximidades de um bar, junto com outro oficial da justiça e,

> [...] foram solicitados para ajudar a apartar uma briga entre dois irmãos, um dos quais de nome S. B., estava armado de faca e revólver. [...] quando tentavam desarmar S. B., este desferiu dois tiros, errando um e acertando o outro na boca de F. H. T., que teve morte instantânea. O homicida, logo em seguida, **fugiu em desabalada carreira**, e encontrava-se ainda foragido quando fechávamos esta edição [...][9].

-"TIROTEIO EM CANTAGALO: 4 MORTOS", que noticia a homicídio de dois suplentes de delegado e um inspetor de quarteirão os quais foram "[...] mortos a tiros quando tentavam prender um grupo de marginais"[10]. A notícia primeiro enfoca a morte dos homens da lei, um deles irmão de vereador, e na sequência relata o ocorrido e nomeia o criminoso morto e o ferido: "vulgo chico diogo" e "vulgo café".

-"ESCRIVÃO DA POLÍCIA É MORTO POR PISTOLEIRO": o relato enfatiza que o escrivão fora morto a tiros enquanto realizava uma missão policial em uma boate do baixo meretrício, na cidade, sendo "[...] **alvejado varias vezes pelas costas**, vindo a falecer quase que instantaneamente no local" [11]. Além de narrar a morte do escrivão, como sendo um ato de covardia de um homem que "C. Z, tinha fama de perigoso pistoleiro", e que já respondia pelo crime de homicídio de um delegado em outra idade, ela narra o chamado "ardil" encetado pelo dito criminoso, após ser preso em perseguição policial, e que veio a culminar na morte dele mesmo:

> ARDIL: Preso, Z. foi encaminhado ao Hospital São Vicente e medicado, sendo em seguida conduzido para a Delegacia de Polícia, onde foi trancafiado. De manhã, por volta das 5h30, ele começou a gritar na cela [...]. O delegado resolveu encaminha-lo novamente ao hospital. No meio do caminho, no entanto, ele começou a gritar e a dar violentos chutes contra a parede do camburão (o carro policial). Os policiais pararam o carro e desceram para ver do que se tratava, e um deles, ao abrir a porta, foi violentamente agarrado pelo prisioneiro, que conseguiu tomar-lhe a arma do coldre e passou a desfechar diversos tiros contra os demais. Os policiais contam que, diante do fato, tiveram que defender-se respondendo os tiros de C. Z., que foi atingido por várias balas e teve morte instantânea.[12]

8 ESQUEMA OESTE. Crime de morte em Entre Rios. 4 a 8 out. 1972. n. 124, 1ª. p.
9 ESQUEMA OESTE. Crime de morte em Entre Rios. 4 a 8 out. 1972. n. 124, 1ª. p.
10 ESQUEMA OESTE. Tiroteio em Cantagalo: 4 mortos. 5 a 11 mar. 1975, n. 249, 1ª. p.
11 ESQUEMA OESTE. Escrivão de polícia é morto por pistoleiro. 28 out. a 3 nov. 1978, n. 434, 1ª. p. passim (superior esquerda). Grifo nosso.
12 Idem.

Ainda sobre essa notícia é importante observar a ênfase da narrativa apresentada de que o dito pistoleiro "[...] apesar da fama, não tinha aparência de pistoleiro, pois se tratava de pessoa bem afeiçoada, vestindo-se muito bem, inclusive. No entanto, era dado a bebida e algazarras, e então transformava-se em um homem perigoso."[13]

Em comum a esses casos de violência homicida, merecedoras de destaque na primeira página do jornal, é o assassinato de homens da lei por homens ditos fora-da-lei. Homens da ordem, no trabalho da função, *versus* homens da desordem. Observamos também em várias narrativas sobre os ditos assassinos, muitos dos quais foram mortos, nestas três reportagens e também nas demais relativas a homicídio, é a identificação primeira da pessoa com base nas alcunhas. O termo vulgo, muitas vezes posto entre aspas, coloca esses homens, e essas masculinidades, de forma pejorativa perante as demais que aparecem no periódico. Ser conhecido e reconhecido a partir de um nome e sobrenome é, sobretudo, uma conquista de classe social. O vulgo, neste sentido, usado tanto pela polícia e pelo periódico, se refere a pessoas das classes populares. A formalidade no chamamento referente às demais masculinidades presentes no jornal (prefeito, vereadores, empresários, delegados, políticos em geral, etc.) destoa sobremaneira desses homens fora da lei. Em várias notícias sobre homicídios, e para além destas, o criminoso age pelas costas e depois empreende fuga: a valentia no enfrentamento aos homens da lei é traduzida no periódico em covardia.

Ainda nas primeiras páginas do periódico existem referências a outros homicídios em notícias sobre o Tribunal do Júri. Nessa sessão do jornal, durante a década de 1970, foram publicadas 5 (cinco) notícias referentes a homicídios: relatando a absolvição ou condenação dos réus; ou chamamento anunciando o julgamento ou resultado dele. Dessas notícias, 4 delas foram publicadas em primeira página: duas como notas breves e duas reportagens mais elaboradas. Uma delas trata da marcação do julgamento como réu de homicídio de um importante homem da cidade, envolvido em um tiroteio que resultou na morte de um fazendeiro.[14] Neste caso em específico, a reportagem não traz nada que desabone o réu, enfatizando a expectativa e o nome dos advogados e juiz.

Outra reportagem sobre o tribunal do júri, com mais detalhes, publicada em 1975, apresenta 4 casos que haviam sido julgados, enfocando a condenação de três réus. Desses 4 casos, a narrativa nos mostra que 3 dos réus que foram condenados eram homens. A ré foi absolvida. Na descrição dos crimes cometidos pelos homens consta: "[...] armando-se com uma pedra encontrada ao acaso, desferiu golpes sucessivos na cabeça de O."; "na manhã do crime, J.

13 Idem.
14 ESQUEMA OESTE. Massaro vai a julgamento. 15 a 21 set. 1971, n. 69, 1ª p.

C., havia adquirido a faca que, à tarde, usaria para matar D., perseguindo-a de um bar na Rua Saldanha Marinho até o posto de gasolina na esquina com a Av. Candido Xavier, onde a vítima foi alcançada e atingida com vários pontaços."[15]

Ou ainda:

> M. levantou-se para socorrer a irmã e levou uma facada no braço. Enquanto isso, T. fugiu, já ferida pela primeira investida, mas D. foi atrás. Alcançando-a no meio da rua e desferindo-lhe várias outras facadas. [...] o próprio D. só teve a dizer em sua defesa, que estava bêbado e que ao beber ficava alucinado, perdendo a consciência daquilo que fazia.

Dois dos réus condenados foram julgados culpados pelo assassinato das esposas. Os argumentos da defesa, postos no jornal, não foram suficientes para aplacar a cena de terror descrita, a qual evocava mulheres correndo pelas ruas da cidade, com um marido enfurecido atrás delas, empunhando faca e facão. Em todos os casos a premeditação, a vileza e a covardia do homicida estão presentes na narrativa. O texto ainda se foca na valorização das falas dos advogados como se fosse um show de auditório.

No caso da absolvição, a ré estava sendo julgada por infanticídio contra recém-nascido, pela segunda vez. A narrativa do periódico enfatiza os argumentos da promotoria de que a criança havia sido "[...] atirada pela mãe em uma privada de quintal [...]", contra a fala da defesa de que a mãe se encontrava sozinha no momento do parto e "[...] não tendo como socorrer a criança e não tendo a quem apelar [...]"[16], não conseguiu salvá-la. Transparece na narrativa da defesa argumentos de mitificação da maternidade.

Como já apontado, observamos que as notícias do Tribunal do Júri, sobre as absolvições ou condenações, estão voltadas principalmente a ação dos causídicos: a narrativa é elogiosa em relação a eloquência e argumentação. Muitas das notas publicadas não se atem na descrição dos crimes e/ou dos réus. Os números dos votos à condenação e absolvição são descritos no jornal, além da publicação dos nomes dos jurados em algumas das notícias. O júri é posto como um espaço de batalha de uma masculinidade ordenada, legal e benfazeja.

De forma excepcional na edição n. 44, de 28 março a 3 de abril de 1971, aparece uma coluna com o nome "Esquema Policial", a qual noticia um homicídio, um suicídio e uma tentativa de homicídio. A narrativa apresenta uma escrita romantizada sobre o homicídio:

> C. M. e J. N. eram velhos conhecidos, acostumados a encontrar-se na Vila Trianon para bate-papo informais, quando os mais variados assuntos eram debatidos meramente para "matar o tempo. [...] Domingo passado, inexplicavelmente, C. estava mais exaltado e

[15] ESQUEMA OESTE. Tribunal do júri condena três réus. 30 abr. a maio 1975, n. 252, 1ª p.
[16] Idem.

> não aceitava qualquer ponderação, irritando-se quando era aparteado em suas explanações. J. não se conformou, e disso nasceu violenta discussão. Da palavra a ação foi um pulo: C., a certa altura jogou-se contra seu companheiro puxando rapidamente uma faca que portava. Com um golpe certeiro, enterrou a (sic) violentamente no peito de J., prostando-o ao solo, onde veio a falecer momentos após, sem qualquer assistência. Consumado o crime, C. evadiu-se do local, ficando a perambular pelas proximidades do Hospital São Vicente de Paula, onde foi encontrado pelos policiais de plantão. Sem oferecer qualquer resistência, entregou-se.[17]

Nessa mesma coluna ainda estão narrados de forma romantizada, tal como uma novela, um suicídio e uma briga que resultou em lesão corporal grave. Durante o período pesquisado não existiu nenhuma coluna propriamente policial, somente nessa edição. Não existem indícios no periódico sobre os motivos da suspensão dessa coluna policial. Sobre o homicídio narrado, chega a dar pena dos dois amigos: o que matou e o que foi morto. Na narrativa a ênfase é na fatalidade e no descontrole do homicida, que se coaduna ao arrependimento exposto na permanência do mesmo, nos arredores do hospital, para onde foi enviado o amigo.

Como especificado na Tabela I, ainda aparecem notícias envolvendo homicídios em algumas colunas ou notas, para além da primeira página. Essas colunas, algumas assinadas, noticiavam homicídios e outros crimes que parecem ter causado comoção nacional, uma vez que envolviam pessoas consideradas importantes: políticos, autoridades religiosas, empresários, advogados, ou os ditos subversivos. O homicídio cometido por um deputado federal, seguido de suicídio; a prisão de mafiosos italianos no Brasil e a deportação; a morte de Marighela e Lamarca; a condenação do assassino do papa V; tráfico de heroína entre Brasil e EUA[18], etc., são assuntos nacionais e internacionais que foram merecedores de atenção dos colunistas.

Os subversivos são um grupo a parte. Diversas vezes ao longo da década são mencionados no jornal. Marighela, por exemplo, é chamado de "criminoso com programa", ao passo que Lamarca é posto como um criminoso comum. Sobre a narrativa do jornal, destacamos:

> Quando morreu Marighela, foi passado o atestado de **impotência** da subversão, que nunca teve sentido amplo nas massas, e era considerado movimento isolado e anti-popular, pela maioria quase absoluta do povo brasileiro. Marighela era um criminoso com programa, mas Lamarca não era nada disso e nem coisa nenhuma para uma liderança mais ou menos inteligente. Era apenas um **sujeito forte e valente**, com boa pontaria e vontade de aparecer. Como tivera divisas do exército, a organização subversiva colocara-o no rotulo do movimento, como aquisição de grande valia. E **valia demonstrou não ter**, haja vista para o fato de, tendo assumido a chefia, morreu o movimento a tal ponto de ele **não poder conservar sua própria vida**.[19]

[17] ESQUEMA OESTE. Esquema Policial. 28 mar. 3 abr. 1971, n. 44, p. 5.
[18] Respectivamente: ESQUEMA OESTE. Esquema Policial. 28 mar. a 3 abr. 1971, n. 44, p. 5; ESQUEMA OESTE. Juiz condena Mendonza y Amor. 26 abr. a 1º maio, 1971, n. 48, 1ª p. (centro superior); ESQUEMA OESTE. Certas insertas: Marighela e Lamarca – O fim. 22 a 28 set. 1971, n. 70, p. 3 (centro superior); ESQUEMA OESTE. Notícias. 8 a 14 nov. 1972, n. 129, p. 3, (centro).
[19] ESQUEMA OESTE. Certas insertas: Marighela e Lamarca – O fim. 22 a 28 set. 1971, n. 70, p. 3. Grifo nosso.

Carlos Lamarca, aclamado como coronel do Exército Brasileiro em 2011, quarenta anos após sua morte[20] é posto nesta narrativa como um traidor, sem princípios e incapaz de se manter vivo. É explicitamente culpabilizado pela própria morte, como sendo uma incompetência. É compreensível o tratamento da imprensa em geral dada a Lamarca, haja vista ser considerado um traidor e desertor do Exército, ao se colocar em armas contra a ditadura civil-militar. A ênfase do longo texto é no heroico cerco, uma "[...] das maiores caçadas humanas da história do Estado", em que 20 homens localizaram Lamarca e um companheiro – "Vulgo zequinha", cochilando embaixo de uma arvore. Deram-lhes voz de prisão, "[...] zequinha sacou com a arma e respondeu com tiros, Lamarca levantou-se e chegou a sacar da arma que portava na cintura, mas foi, de imediato, atingido pelo tiroteio dos policiais, resultando em sua morte e na do companheiro"[21].

O rigor, a inflexão da narrativa, em relação aos criminosos ditos subversivos, merecedores da morte, se repete em uma notícia sobre a prisão de uma quadrilha de traficantes, composta por brasileiros e estadunidenses:

> [...] lá, a polícia os espera e sabe tratar bem como os criminosos dessa espécie merecem. Os nacionais responderão processo aqui. O mundo todo abomina 'como o pior crime' o do tráfico de entorpecentes. Já é de praxe nunca prender-se um traficante, mas extermina-lo de imediato, para que não use a burocracia da lei como instrumento de retardar a punição[22].

Mesmo as notícias sobre homicídios locais, assaltos e assaltantes, ou ainda sobre cerco policial, não mostram essa mesma austeridade no trato com os ditos criminosos. Chegam, em alguns casos, de forma sutil a evidenciar uma certa bravura desses homens fora-da-lei ou como mero infortúnio. No período pesquisado, as narrativas que trazem esse rigor, que comemoram ou pedem a morte desses homens como solução a criminalidade, ou as mostram como merecidas, é dispensada aos ditos subversivos e traficantes de drogas.

Muitos dos homicídios regionais, noticiados no periódico, são associados a desrazão, ao desatino. Principalmente nos casos que envolvem parentes, cônjuges e/ou amásios e amigos. Essas relações são sobremaneira enfatizadas. Observamos ainda que a maior parte dos homicídios locais noticiados se refere a casos ocorridos em cidades vizinhas e menores que Guarapuava.

Além das notícias locais sobre homicídio e nacionais ou internacionais, mapeamos outros crimes e ação policial que aparecem no jornal. Como já observado na Tabela I, somente

20 Ver: ROLLEMBERG (2007).
21 ESQUEMA OESTE. Certas insertas: Marighela e Lamarca – O fim. 22 a 28 set. 1971, n. 70, p. 3.
22 ESQUEMA OESTE. As notícias. 8 a 14 nov. 1972, n. 129, p. 3.

três assaltos e dois cercos policiais, com direito a tiroteio, foram noticiados no jornal. Um deles resultou na morte de um assaltante, segundo o jornal. Sobre os assaltos, um deles mereceu primeira capa: havia acontecido na casa do diretor do jornal[23]. Outro assalto, também publicado em primeira página, terminou em cerco policial e tiroteio no centro da cidade. De forma inédita, acompanhada de três fotografias, a reportagem exalta:

> O CERCO AOS BANDIDOS. Dois policiais feridos e 300 tiros disparados até à prisão dos assaltantes. Quando os policiais cercaram a casa da rua Padre Chagas, na tarde de sexta-feira, dia 21, **parecia que a missão já estava terminada**. Agora, só faltava dar voz de prisão aos três deliquentes [...]. Em Góis Artigas, haviam conseguido furar o bloqueio policial. **Estavam fortemente armados**, mas, quando foram novamente localizados e cercados, **a sua posição era – ou parecia ser – de nítida inferioridade.**[24]

A bravura dos ditos bandidos é notória na narrativa do periódico, o qual, tal qual um romance, apresenta os atores e o desenrolar do conflito. Armados, já tinham furado um bloqueio policial e quando parecia que estavam, enfim, fáceis de captura,

> [...] ao dirigir-se a casa para dar voz de prisão aos assaltantes, teve uma surpresa: a meio caminho recebeu uma bala no tórax. O cabo A. P., ao tentar socorre-lo, recebeu dose dupla. Para os dois a missão já havia terminado. Para os demais, estava apenas começando. Os assaltantes haveriam, ainda, de resistir ao certo por mais de meia hora.[25]

A valentia no enfrentamento a polícia e a resistência apresentada pelos assaltantes aparecem em todo o desenrolar da narrativa. Na sequência, a reportagem se volta a presença das mulheres, como mais uma surpresa à polícia, e a todos em geral:

> [...] os policiais tiveram outra surpresa. Na casa, além dos três delinquentes, estavam também três mulheres, armadas e dispostas a tudo [...]. Segundo as autoridades locais, a professora V. é exímia atiradora, e a bala que atingiu o agente M. P. partiu da arma que ela estava utilizando.[26]

A imagem de uma mulher, professora e atiradora, se contrapõem as demais imagens de feminidade expostas em todo o periódico. Em toda a década pesquisada as mulheres apareceram no periódico em notícias e reportagens sobre misses da festa da maça, rainhas de bailes carnavalescos ou empreendendo ações filantrópicas, próprias ao seu gênero. Essa atiradora, de qualquer forma, no final da narrativa é descrita como mãe de um dos assaltantes e que estaria na proteção do mesmo, reaproximando-a de um feminino aceitável.

23 ESQUEMA OESTE. Assaltada residência do diretor do “Esquema”. 23 a 29 fev. 1972, n. 92, 1ª p.
24 ESQUEMA OESTE. Cerco aos bandidos. 26 jul. a 1º ago. 1972, n. 92. 1ª p. grifo nosso.
25 Idem.
26 Ibidem.

Sobre a necessidade de readequar mulheres protagonistas da violência, importante lembrar que na América Latina, na luta pela independência, diversas mulheres participaram de batalhas, campanhas, guerrilhas e guerras, ocupando postos militares e funções militarizadas[27]. Segundo Moreira, "[...] várias dessas mulheres foram transformadas em heroínas respeitáveis e reenquadradas dentro da 'feminilidade' uma vez que guerrearam pela pátria, pelo companheiro ou pelos filhos" (MOREIRA, 2011, p. 17).

A reportagem segue enaltecendo o cerco policial e enfatizando que foram disparados mais de 300 tiros. A maior parte das notícias e reportagens sobre homicídios e criminalidade em geral não são acompanhadas de fotografias. Neste caso existem três fotos, acima do texto da reportagem, dispostas uma ao lado da outra:

Foto 01: Esquema Oeste, 26 jul. a 1º ago. 1972, n. 92. 1ª p.
Acervo: Centro de Documentação – UNICENTRO.

As fotografias acompanham a ordem narativa do texto: primeiro a ênfase na duração do cerco, depois a prisão dos ditos assaltantes e a condução à delegacia. As fotografias foram produzidas por um estabelecimento comercial fotográfico da cidade chamado Foto Universal. Na Foto 01, terceira na ordem do jornal, dois homens da lei estão algemando um dos assaltantes, sob olhar ríspido deste. Ao fundo, são observados por alguns homens, os quais assistem a cena aparentando um misto de temor e curiosidade. Esta reportagem é a única acompanhada com fotos, enfocando homens que destoam da masculinidade ordenada, em toda a década de 1970.

Como já observamos, em todo o período pesquisado, o jornal não publicava sobre todos os homicídios ou demais crimes praticados na cidade e na região. No entanto, percebemos a partir das notícias e reportagens sobre as polícias e o policiamento, que havia uma sensibilidade

[27] Ver: PRADO (1999).

sobre o aumento da criminalidade. Como já posto (Tabela I), encontramos 15 publicações sobre a polícia e o policiamento de Guarapuava e região. Além disso, constam no periódico diversas notícias sobre os jovens ditos “delinquentes” e os “menores”. Essas notícias não foram contabilizadas na tabela organizada por não se tratarem da violência homicida ou de crimes propriamente ditos.

Sobre o comportamento dos jovens, contabilizamos 12 (doze) publicações no periódico. Durante o período pesquisado, sobre os ditos menores existem 6 (seis). São prescrições, queixas ou alguns elogios, sobre o comportamento dos jovens[28] e no caso dos menores, são proibições e cobranças ou anúncios de políticas direcionadas a eles[29]. Ambos esses segmentos são associados à criminalidade e a delinquência.

Voltando ao debate sobre as publicações sobre polícia e policiamento, existem algumas notícias sobre idas e vindas de delegados, aumento do contingente policial, etc., mas a maior parte das publicações são reclamações sobre a criminalidade e a falta ou ineficiência da polícia. Como observamos nas seguintes manchetes, todas publicadas a partir de 1975: “Problemas de Polícia em debate”[30]; “Sub-delegacia garante a ordem em Cantagalo”[31]; “Juventude transviada faz arruaças na cidade”[32]; “Coisas dos asfaltos, ou onde está a Polícia?”[33]; “Vamos ter Segurança”[34]; “Coisas do banditismo reinante em Guarapuava e Pinhão”[35] ; “Quem vai responder pelas deficiências da Polícia?”[36] ; “Moradores Apavorados”[37].

Algumas reportagens apresentam cartas de moradores assustados com o comportamento de jovens motoristas nas madrugadas pelo centro da cidade, e reclamações sobre furtos a residência: “[...] esta cidade está entregue à mercê de ladrões, assaltantes e vândalos, bandidos de toda espécie, que agem livremente dispostos a tudo. A segurança da população está seriamente ameaçada. E a polícia, onde está?”[38]. Ou ainda:

> [...] uma outra espécie parece ter acampado em Guarapuava nas últimas semanas, apenas que estas [pragas] são indesejáveis, pela desgraça que semeiam por onde deixam

28 ESQUEMA OESTE. Certas Insertas. 7 a 13 fev. 1971, p. 3; ESQUEMA OESTE. Certas Insertas: Os cabeludos. 8 a 14 set. 1971, p. 3; ESQUEMA OESTE. Menores em bares. 26 abr. 1º maio 1971, 1ª p.; ESQUEMA OESTE. Jovens e o esporte. 14 a 20 jun. 1970, p. 8; ESQUEMA OESTE. MARÇAL, J. N.; O poder jovem. 8 a 15 nov. 1970, p. 4; ESQUEMA OESTE. Atropelamento de sexagenário. 6 a 12 jun. 1973, 1ª p.; ESQUEMA OESTE. Juventude transviada faz arruaça na cidade. 4 a 10 jun. 1977, 1ª p.; ESQUEMA OESTE. Crise no mundo e na família. 18 a 24 jun. 1977, estes são somente alguns exemplos.

29 ESQUEMA OESTE. Amparo ao menor com fundo municipal. 11 a 17 out. 1972, 1ª p.; ESQUEMA OESTE. Os problemas do menor desajustado. 28 fev. a 6 mar. 1973, p. 2; ESQUEMA OESTE. O menor em debate. 26 set. a 2 out. 1973, 1ª p.; ESQUEMA OESTE. Proteção ao menor. 16 a 22 jan. 1974, p. 3; ESQUEMA OESTE. Lar escola. 29 maio a 4 jun. 1974, 1ª p., são alguns exemplos.

30 ESQUEMA OESTE. Problemas da polícia em debate. 17 a 23 set. 1975, 1ª. p. (coluna inferior direita).;

31 ESQUEMA OESTE. Subdelegacia garante ordem em Cantagalo. 16 a 22 abr. 1975, 1ª p.

32 ESQUEMA OESTE. Juventude transviada faz arruaça na cidade. 4 a 10 de jun. 1977, 1ª p. (parte inferior central).

33 ESQUEMA OESTE. Coisas dos asfaltos, ou onde está a Polícia? 2 a 8 jul. 1977, p. 3 (canto superior. direito).

34 ESQUEMA OESTE. Vamos ter Segurança. 20 a 26 ago. 1977, 1ª p.

35 ESQUEMA OESTE. Coisas do banditismo reinante em Guarapuava e Pinhão. 11 a 12 fev. 1978, p. 3.

36 ESQUEMA OESTE. Quem vai responder pelas deficiências da Polícia? 5 a 11 ago. 1978, 1ª p.

37 ESQUEMA OESTE. Moradores apavorados. 10 a 16 fev. 1979, p. 3.

38 ESQUEMA OESTE. Coisas dos asfaltos, ou onde está a Polícia? 2 a 8 jul. 1977, p. 3.

> seu rastro: são os famigerados marginais, ladrões, assaltantes, profissionais do crime e da vagabundagem que aqui parece terem encontrado campo livre para as suas aventuras.[39]

As reportagens e notícias pedem mais eficiência da polícia e/ou aumento do contingente; desarmamento da população em alguns casos; e ainda intervenção do 26º GAC para conter a criminalidade. A rodoviária, alguns bares, praças e ruas, são apontados como espaços livres a delinquência:

> Os moradores da Rua Frei Caneca já encaminharam várias vezes abaixo assinados solicitando providencias quanto um Bar localizado de fronte ao Estádio Lobo Solitário. Declaram os moradores que o referido bar foi transformado num verdadeiro Saloon de Faroeste, sendo frequentado inclusive por menores. Por diversas vezes foram presenciadas cenas deprimentes naquele estabelecimento comercial, que de Bar não tem nada. Afinal de contas alí é um estabelecimento residencial, e até agora nenhuma providência foi tomada.[40]

Em relação aos espaços percebidos como propícios a delinquência, bebedeiras e toda sorte de comportamento socialmente reprováveis, as narrativas do jornal apontam para as pessoas das classes populares, tal como a proibição de venda de bebidas alcoólicas na Rodoviária:

> De acordo com alguns "considerandos" do decreto, alguns bares transformaram-se em ponto de reunião de pessoas que ali se encontram com a única finalidade de ingerir bebidas alcoólicas, sendo a causa de algazarras, cenas atentatórias a moral e aos bons costumes e alto índice de criminalidade que ali se verificam. (ESQUEMA OESTE. Rodoviária vai deixar de ser ponto de desordeiros. 17 e 23 set. 1977. 1ª p.).

Segundo Moreira, as estações rodoviárias e ferroviárias "[...] se apresentam não como espaços representativos da cidade, mas como lugares reveladores da multiplicidade das diferenças" (MOREIRA, 2011), nesses locais a presença de uma pluralidade de pessoas se configura como contrassenso às idealizações do espaço urbano e às concepções sobre trabalho, sociedade e família, que atravessavam a ação policial e a considerada boa sociedade. São lugares heterotópicos, uma vez, que carregam a justaposição de versões múltiplas e incompatíveis da cidade (FOUCAULT, 1967; ECHETO, SARTOTI, 2009).

Como já dito, a principal característica do periódico é o trato dos trâmites e disputas relacionadas a vida política local, estadual e nacional. Com um foco bem específico no executivo estadual, principalmente nos primeiros anos da década de 1970.

[39] ESQUEMA OESTE. Quem vai responder pelas deficiências da Polícia? 5 a 11 ago. 1978. 1ª p.
[40] ESQUEMA OESTE. Coluna: Em suma. 10 a 16 fev. 1979. p. 3.

De qualquer forma, a sociedade que nos é apresentada no jornal é acima de tudo ordeira, voltada as leis e a ordem, e principalmente ao rumo da modernização apregoada: o sistema de telefonia; ondas de TV; inauguração da rádio Rádio Cultura; combate ao analfabetismo; combate as "favelas"; e exaltando sempre, em algumas datas, uma história voltada aos pioneiros europeus e a conquista da terra.

A masculinidade hegemônica, observada no periódico, tem por base homens brancos, políticos, advogados ou empresários, civilizados, racionais e, acima de tudo, citadinos. Os ditos criminosos fazem parte de uma masculinidade periférica, sempre postos como *estrangeiros* à comunidade local: ou provenientes de cidades maiores onde a criminalidade estaria mais organizada, tais como os assaltantes, traficantes e subversivos; ou, no caso dos homicidas, associados a uma masculinidade associada a zona rural, mergulhados em relações vistas como opostas a cidade moderna. Uma masculinidade rude, instintiva, abrutalhada, ainda não racionalizada pela cidade e pela modernização.

Considerações

Como já pontado, nossa preocupação nesta pesquisa era focar as masculinidades relacionadas a violência homicida, apresentadas no Jornal Esquema Oeste, período 1970 a 1979. Após catalogação, digitalização e fichamento das fontes, elaboramos uma Tabela com a quantidade de reportagens e notícias referentes a homicídios e outros crimes, e ainda notícias e reportagens que abordassem polícia, criminalidade e violência em geral.

Uma de nossas primeiras constatações foi de que o jornal noticiou, ao longo de toda a década, somente alguns poucos homicídios. Muitas narrativas sobre violência homicida apareceram de forma indireta no jornal, a partir das notícias publicadas sobre Tribunal do Júri. Além disso, alguns casos nacionais, envolvendo pessoas consideradas importantes, foram noticiadas no jornal. A maior parte dos homicídios, locais e regionais, publicados de forma direta, corresponde a morte de homens da lei, no exercício de suas funções: policial, escrivão, oficial de justiça, etc.. Nestes casos, os algozes são traduzidos na narrativa do jornal, como imbuídos de covardia.

As notícias sobre violência homicida, que envolviam cônjuges e familiares, estão envoltas em narrativas romantizadas sobre o infortúnio dos implicados. Percebemos que os algozes, na narrativa do jornal, se encontram mergulhados na desrazão de uma masculinidade

rude e abrutalhada, própria de homens do interior, da roça. Ao citadino, homem de uma cidade em modernização, não caberia mais os arroubos de violência física.

Ao passo que os pesquisadores relacionam o aumento da violência e da criminalidade, no estado do Paraná, ao processo de urbanização, levado a cabo na década de 1970, o periódico, de forma indelével, relaciona a violência homicida aos arroubos de uma masculinidade que ainda não se coaduna com a imagem de modernização da cidade e da masculinidade hegemônica que circunda todo o periódico, no período pesquisado.

Vale dizer que se faz necessário mapear também o período de 1980-1989 a fim de delinearmos a masculinidade hegemônica propriamente dita, a qual aqui só foi tateada, assim como as feminilidades, para além daquelas perceptíveis nas reportagens e notícias sobre a violência homicida e a criminalidade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHESKI, Edilane. *Guarapuava no Paraná: discurso, memória e identidade* (1950-2000). Dissertação de mestrado PPGH UFPR, Curitiba, 2009.

ADORNO, Sérgio. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Junho, p. 7-8, 2002.

______; SANTOS, Milton. *Economia espacial*: criticas e alternativas. São Paulo: HUCITEC, 1979.

ALVES, Fábio Lopes; GUARNIERE, Ivanor Luiz. A utilização da imprensa escrita para a escrita da História: dialógos contemporâneos. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, Brasília, v.1 n.2 p.30-53, ago./nov.2007. Disponível em http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=7 .

ANDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: o corpo e a guerra. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (orgs.) *História do Corpo. As mutações do olhar: o século XX*. Vol. III. 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 414.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968- 1978):* o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

______; MESSERSCHMIDT, James. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CUNHA, Vladson Paterneze. Do lixão ao aterro: uma história socioambiental de Guarapuava/PR (1971-2011). Dissertação de Mestrado, UEL, 2014.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ECHETO, Victor Silva; SARTORI, Rodrigo Browne. Las ciudades invisibles: heterotopías nômadas y postpatriarcado. *Revista Estudos Feministas*. v. 17, n. 2, maio-agosto 2009. p. 335-348.

FARAH, Elias. Por que "Esquema". *Esquema Oeste*. Guarapuava, 17 mai. 1970, p.3.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault. *Des espacesautres. Hétérotopies.* [?]: [?], 1967. Disponível em: <http://foucault. info/documents/heteroTopia/foucault. heteroTopia. fr. html>. Acesso em: 20 jan. 2015.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos**.** In: PINSKY, C. B. (Org.).*Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005; etc..

______. *Os tempos da fotografia*: e efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

______. *Fotografia & História*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos**.** In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

MOREIRA, Rosemeri. Sobre mulheres e polícias: a construção do policiamento feminino em São Paulo (1955-1964). Tese de doutoramento, PPGH-UFSC, 2011.

MOURA, Rosemeri. Paraná: meio século de urbanização. *Revista RA'E GA*, Curitiba, n. 8, 2004.

PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. *Diálogos*, Maringá, v. 4, p. 33-39, 2000.

PRADO, Maria Ligia. *América Latina no século XIX*: tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. Carlos Marighella e Carlos Lamarca: memórias de dois revolucionários. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (orgs.). *As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia*. Vol. 3. 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

TEMBIL, Márcia. *Em busca da cidade moderna:* Guarapuava. Recompondo histórias, tecendo memórias. Guarapuava: Edunicentro, 2007; FERREIRA JR., Francisco. A prisão sem muros: Guarapuava e o degredo no século XIX. Edunicentro, 2011.

SCOTT, Joan."Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

ZANIRATO, Silvia Helena. A fotografia de imprensa: modos de ler. In: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; ZANIRATO, Silvia Helena (orgs.). *As dimensões da imagem: interfaces teóricas e metodológicas*. Maringá: Eduem, 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil. 2014. Disponível em: www.juventude.gov.br/juventudeviva ;

______. *Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil.* São Paulo: Instituto Sangari, 2011.